

## O beijo, este polêmico que incomoda tanto Burburinho nas redes evidencia força da telenovela<sup>1</sup>

Graciela Ramos Barbosa BECHARA<sup>2</sup>

Aurora Miranda LEÃO<sup>3</sup>

Márcio de Oliveira GUERRA<sup>4</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

### RESUMO

Este artigo tem como foco cenas de duas telenovelas que priorizam o ato de beijar. São elas: Babilônia, de Gilberto Braga, e O outro lado do paraíso, de Walcyr Carrasco. Nosso objetivo é refletir a partir de perguntas como: Em que medida as tramas instigam e convocam um debate público? Por que o beijo é capaz de provocar tanto debate? É possível que expor preconceitos (racial, social, homossexual e geracional) numa telenovela possa contribuir para melhorar a aceitação da diversidade sexual e evidenciar o quão nocivo é o preconceito? Para tanto, fazemos um breve percurso sobre a história do beijo e os preconceitos evidenciados nas novelas, priorizando a análise a partir de estudos de Maria Immacolata V. de Lopes, Maria de Lourdes Motter, Solange Couceiro de Lima, Renato Janine Ribeiro, Mauro Alencar e Artur da Távola.

**Palavras-chave:** Telenovela; narrativa; homoafetividade; beijo; preconceito.

### Introdução

A telenovela, mesmo ainda vista por muitos como produto menor, participa do cotidiano cultural brasileiro com enorme capilaridade - como podem atestar pesquisas de audiência, o número de estudos acadêmicos sobre o gênero e a notória repercussão das obras no exterior -, exercendo e influenciando papéis essenciais na sociedade. Sobre isso, afirma a pesquisadora Maria de Lourdes Motter:

As novelas lançam moda, criam hábitos e pautam os meios de comunicação, trazendo para o debate nacional temas polêmicos como o homossexualismo e o preconceito racial (MOTTER, 2016)<sup>5</sup>

O gênero que nasce das radionovelas começa a criar forma em 1951, um ano após o surgimento da televisão no Brasil, quando foi ao ar a primeira tentativa de se

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da FACOM-UFJF, e-mail: graciela-bechara@gmail.com.

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da FACOM-UFJF, e-mail: auroraleao@hotmail.com.

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da FACOM-UFJF, e-mail: marcio.guerra@ufjf.edu.br

<sup>5</sup> Ver matéria A Força da telinha na revista Superinteressante: <https://super.abril.com.br/cultura/a-forca-da-telinha/> Acesso em 22 jul 2018.

realizar uma história sequencial: Sua vida me pertence, pela TV Tupi<sup>6</sup>, original de Walter Forster, transmitida às terças e quintas-feiras, ao vivo. Convém ressaltar que o formato de telenovela, mais próximo de como a conhecemos hoje, só surgiu em 1963 com a estreia de 2-5499 Ocupado, na extinta TV Excelsior, sendo esse primeiro período marcado por forte ausência de modelo, adequando-se às exigências do público e também do mercado.

Esse fato trouxe a trama para o universo das grandes cidades brasileiras, juntamente com a introdução de um humor inteligente, uma linguagem coloquial, ambiguidade dos personagens, mostrando assim um diferencial enorme, um novo formato que passou a ser seguido pelas outras emissoras, como afirma Maria Immacolata V. de Lopes: “Reconhecer a telenovela como componente de políticas de comunicação/cultura que seguem o desenvolvimento da cidadania e direitos humanos na sociedade” (LOPES, 2009), é o que a autora chama de recurso comunicativo. A partir desse momento, foi ganhando corpo a ideia de que cada novela deveria trazer uma novidade, tendenciada por uma maior verossimilhança, para que ganhasse destaque, principalmente em debates. Assim, a partir das novelas dos anos de 1970, temas de relacionamento – tais como amor e sexualidade - passaram a ser abordados, conseguindo assim, segundo a pesquisadora, elevados índices de audiência.

A telenovela se utiliza da simulação do real para traduzir o discurso científico, de forma a ser aceito como natural pelo espectador. Acreditamos que ao abordar temas considerados polêmicos ou tabus, desafia significados compartilhados, faz com que os indivíduos repensem seus valores, crenças e julgamentos acerca de modelos estigmatizados e representações opressoras. “Um tipo de acobertamento envolve o indivíduo numa preocupação com os modelos incidentalmente associados com seu estigma.” (GOFFMAN, 2004, p. 89). Para o autor, o objetivo do indivíduo é reduzir a tensão, ou seja, tornar mais fácil para si mesmo e para os outros uma redução dissimulada ao estigma, mantendo um envolvimento espontâneo no conteúdo público da interação.

A telenovela não é tão insignificante como pode parecer num primeiro instante: é preciso desvelar sua complexidade. Considerando sua narrativa, em articulação com conteúdos subjetivos e coletivos, é possível perceber o quanto as histórias da

---

<sup>6</sup> Pioneira na experiência com telenovelas (1964-1980)

teledramaturgia refletem, evidenciam, afirmam e reafirmam a pluralidade de relações que estabelecemos com o mundo e com as outras pessoas. E ainda, como nos diz Ângela Cristina Marques,

Percebemos como a mídia, através de seus produtos culturais, constitui um espaço de visibilidade em que questões são formuladas, a partir de um entendimento prévio possibilitado pelo senso comum, e disseminadas para um público difuso, diversificado e amplo. Partindo de pressupostos pré-reflexivos que defendem, por exemplo, que “o homossexual que deve aparecer na mídia é o bicha-louca” ou que “a homossexualidade é algo marginal e, por isso não deve aparecer na televisão, muito menos no horário nobre”, uma rede de deliberações pluralistas foi arquitetada na mídia impressa. (MARQUES, 2003, p. 166).

Em linhas gerais, a autora mostra a esfera cultural entrelaçada à política “a cada momento em que, dentro de nossas relações cotidianas, sentimos a necessidade vital de sermos valorizados pelos outros em nossa diferença e, de forma recíproca, quando somos chamados a reconhecê-los” (MARQUES, 2003, p. 167). Assim, a telenovela, utilizando a realidade para construir a ficção, pode proporcionar reações diversas na opinião pública.

A princípio, a telenovela também pode ser utilizada para gerar representações úteis para os movimentos sociais, para o debate sobre a vida em sociedade e para a própria convivência prática do dia-a-dia. Buscamos desenvolver, neste estudo, uma metodologia que nos permitisse identificar determinados elementos constitutivos das representações sociais, na relação entre personagens homossexuais com a sociedade e outros personagens homoafetivos que circulam nos dois enredos.

Peret (2005) mostra que “a televisão - e em especial a teledramaturgia - não ignora os homossexuais. Ao contrário, procura apresentá-los ao público, em uma variedade de formas, talvez para experimentar, como já foi feito com vários outros temas, até achar a fórmula do sucesso” (PERET, 2005, p.182)

A pesquisadora Joseana Tonon (2005) visa compreender as formas de representação de identidades homossexuais femininas encenadas nas telenovelas. A autora destaca a importância cultural do gênero teledramatúrgico e alega ser necessário explicar que se trata de um produto simbólico e produtor de sentido:

A recepção de conteúdos simbólicos passa a ser entendida não somente como um momento, mas também como um processo que interpela a vida do telespectador em variadas dimensões, pois ao detectar os significados que os receptores elaboram a partir da recepção das telenovelas, entende-se que o telespectador articula a

representação de identidades ficcionais com as representações que atribuem às identidades, além da sua própria representação, legitimando os conteúdos simbólicos propostos nas telenovelas ou resistindo a eles. (TONON, 2005, p. 9)

A respeito da interação desse gênero com os padrões culturais, em sociedade, Maria Immacolata V. de Lopes entende que essas ficções “descortinam um palco para representação e para construção de sentidos sobre a vida pública e a vida privada. Em outros termos, observamos a telenovela por seu significado cultural e por configurar um inventário de produções que permitem entender a cultura e a sociedade de que é expressão.” (Lopes, 2004, p. 125).

A responsabilidade nas abordagens das tramas é grande, tendo em vista a penetração da telenovela nos lares brasileiros e o caráter formador de opinião, enquanto entretenimento. “Não se pode pensar em características da telenovela brasileira sem considerar que durante sua exibição são introduzidos, ao longo da trama, polêmicas, denúncias e divulgação de ações sociais”. (GUERRA, VARDIERO, 2015, p.3)

Cenas de beijos homoafetivos há muito eram esperadas pelo público e sempre causaram polêmica, debates, discussões e abriram espaço na mídia para sua propagação. No caso de Babilônia, a cena emblemática do beijo entre as duas personagens femininas é paradigmática por tratar-se de uma troca de carinhos entre duas mulheres da terceira idade.

A cena durou poucos segundos, porém a repercussão foi gigantesca e imediata. Minutos após sua exibição, as redes sociais foram tomadas por manifestações (contrárias e favoráveis), as quais permaneceram algumas semanas em evidência e se propagaram em outros produtos midiáticos, como jornais, telejornais, revistas, programas de entretenimento e nas novelas seguintes, veiculadas pela mesma emissora.<sup>7</sup>

O grau de expectativa entre as telespectadoras pela exposição de um beijo gay na principal novela da Rede Globo é reflexo da importância emocional e política da visibilidade da vida gay na TV. O beijo romântico é parte central das narrativas de amor nos meios audiovisuais em nossa cultura, e sua ausência na narrativa de um relacionamento configura e reassegura discriminação e preconceito aos romances entre pessoas do mesmo sexo, de acordo com as opiniões expressas pelo grupo em estudo. (GOMIDE, 2006, p. 156).

---

<sup>7</sup> Destacamos que, em *Mulheres Apaixonadas* (2003), Alinne Moraes e Paula Picarelli viveram um casal - Clara e Rafaela - e houve uma cena em que as personagens interpretavam uma peça de teatro na escola, uma como Romeu e a outra no papel de Julieta. No ato final, elas se beijaram. Esse beijo não foi considerado o primeiro beijo gay da Rede Globo, pois as personagens encenavam a peça Romeu e Julieta – ficção dentro da ficção.

### **Casadas, maduras e bem sucedidas**

A primeira telenovela em análise é *Babilônia*<sup>8</sup> (2015), de autoria de Gilberto Braga, Ricardo Linhares e João Ximenes Braga, exibida no horário das 21 horas, num total de 143 capítulos. As personagens homossexuais femininas são Teresa Petrucelli (Fernanda Montenegro) e Estela Marcondes (Nathália Timberg), companheiras há décadas.

Teresa é uma respeitada e bem sucedida profissional, dona de prestigiado escritório de advocacia. Ficou famosa ao lutar pela libertação de presos políticos durante a ditadura. Também atuou em casos de discriminação sexual, fato que reforça sua posição de ativista.

Estela, sua companheira, é mãe de Beatriz (Gloria Pires). Juntas, criam desde pequeno o neto Rafael (Chay Suede), filho de uma irmã de Beatriz que morreu no parto. Ele chama ambas de mãe. Estela é confidente e conselheira de Beatriz, mas não imagina que a filha vive envolvida com negócios escusos e é uma assassina. Fica chocada ao descobrir a verdade sobre Beatriz.

Com naturalidade, Teresa e Estela se beijaram numa das primeiras cenas da novela. A sequência foi bem simples, mostrando o cotidiano do casal: elas conversam sobre seus dias no quarto, e Estela fala da preocupação com sua filha, Beatriz (Glória Pires). Uma agrada a outra e o beijo vem naturalmente.

Essa cena causou enorme polêmica e comoção nas redes sociais<sup>9</sup>. As opiniões na internet se dividiram entre aqueles que consideraram um avanço (ver a cena sendo tratada com naturalidade) e aqueles que acharam absurdo (preconceito e conservadorismo de parte dos telespectadores brasileiros). A *hashtag* #babiloniaestrela se manteve entre os tópicos mais comentados (*Trending topics*) do *Twitter*.

Assim como na estreia, o beijo entre Teresa e Estela exibido no último capítulo, movimentou novamente as redes sociais.

---

<sup>8</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/babilonia.htm>

<sup>9</sup> Disponível em: <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2015/08/novo-beijo-gay-em-babilonia-movimenta-redes-sociais.html>



Foto: Divulgação Rede Globo

Desta vez, não foram apenas elas a demonstrar afeto: Sérgio (Cláudio Lins) e Ivan (Marcello Melo Jr) também trocaram o carinho ao fim da novela. No *Twitter*, vários internautas elogiaram as cenas românticas dos personagens que, ao longo de toda a história, lutaram contra o preconceito.



Foto: Divulgação Rede Globo

**Cura gay como estopim**

“Definitivamente, não existe cura *gay* ! Não pode haver cura se não há doença. O Cido não é doente nem o meu Samuelzinho. Eles apenas se amam. Olha, eu gosto de você, Cido. Muito. Só não queria admitir que gostava. Faz meu filho feliz, por favor”.

Foi assim que a personagem Adineia (Ana Lúcia Torre) - que representava o preconceito de forma provocativamente caricata -, se colocou no final da novela *O outro lado do paraíso*, em monólogo exemplar da ambiência narrativa que destacava o ápice do conflito entre o médico Samuel (Eriberto Leão) e o motorista Cido (Rafael Zulu), o casal homossexual da trama.

Na cena, exibida nos capítulos finais (08/maio), Cido se despedia do companheiro, dizendo que terminava o relacionamento deles ali por não mais aguentar tanta cobrança da sogra, em todos os níveis (Adineia fez uma série de exigências ao genro, como cozinhar pratos específicos e, tudo que ele fazia, com a maior dedicação, não agradava. O intuito da sogra era justamente fazê-lo desistir do filho)<sup>10</sup>.

Inimiga da relação do filho com o namorado negro desde o começo, Adineia chega a inventar até um ataque respiratório na penúltima cena do casal, quando Cido decide ir embora da casa dela, onde os dois moram. Isso foi parar no *Lá Opinión*, (site americano dedicado ao público espanhol), que destacou o número de tramas brasileiras com histórias homoafetivas, a partir da cena entre Samuel e Cido.

O fato é que a narrativa desde o início apresentou a estereotipia da mãe preconceituosa e super protetora, que negava ver no filho a clara condição homossexual. Quando passa a assumir a homossexualidade de Samuel – após ser surpreendida com a ‘descoberta’ ao ver o filho vestido com *lingerie* feminina, usando batom e cílios postiços -, a personagem começa a defender peremptoriamente a cura *gay*, numa proposital referência do autor ao alardeado tratamento para a conversão da orientação sexual<sup>11</sup>.

### **Aquele beijo que te dei...**<sup>12</sup>

Ao longo da história, o beijo já ganhou diversas conotações, como nos mostra o registro seguinte:

---

<sup>10</sup> Ver matéria sobre o assunto em <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2018/05/beijo-de-samuel-e-cido-em-o-outro-lado-do-paraiso-movimenta-redes-sociais.shtml>. Acesso em 25 jun 2018.

<sup>11</sup> Ver artigo sobre o tema em <https://joaoluizvieira.blogosfera.uol.com.br/2017/09/21/cura-gay-mas-a-heterossexualidade-e-uma-invencao-recente/>. Acesso em 30 jun 2018.

<sup>12</sup> Título da música de Édson Ribeiro, sucesso na voz de Roberto Carlos, lançada em disco da Jovem Guarda em 1965. Ver <https://www.vagalume.com.br/roberto-carlos/aquele-beijo-que-te-dei-1965.html>. Acesso em 28 jun 2018.

A primeira evidência conhecida sobre beijo encontrada num texto literário remonta a cerca de 1500 a.C. em textos em sânscrito na Índia. Não é usada a palavra "beijo", mas sim referências para "lamber" e "beber umidade dos lábios." No século III d.C., o Kamasutra Vatsyayana (mais conhecido como o Kama Sutra), incluiu um capítulo inteiro às formas de beijar seu amante. No Antigo Testamento, é possível encontrar descrições do beijo. Por exemplo, Jacó enganosamente beija seu pai cego e doente e se passa pelo seu irmão gêmeo Esaú, roubando a bênção de Isaque “Ora chega-te, e beija-me, filho meu. E chegou-se, e beijou-o; então cheirou o cheiro dos seus vestidos, e abençoou-o” (Gênesis 27:26-27). Um beijo mais sensual é descrito no livro de Cantares, Salomão descreve “os teus lábios são como um fio de escarlata, e tua boca é formosa”(Ct 4.3;1.2) [...] Na Idade Média, o beijo foi também uma demonstração de status na sociedade. Os súditos de um rei deveriam antes beijar seu anel, seu manto, suas mãos, ou mesmo o chão. Da mesma forma, as pessoas pressionavam os seus lábios no anel do papa. O beijo na boca representava uma espécie de contrato entre o senhor feudal e o vassalo (significava “dou minha palavra”). Foi apenas no século XVII que os homens acabaram com o hábito de beijar uma pessoa do mesmo sexo, sem afeto envolvido.<sup>13</sup>

Certo é que há beijo de vários matizes e em todo lugar: nos registros históricos, na religião, na literatura e em todas as formas artísticas, logo, não poderia deixar de estar na teledramaturgia. Nas artes plásticas, temos o quadro O beijo (Der Kuss, 1907-1908), obra-prima do pintor austríaco Gustav Klimt<sup>14</sup>, uma das mais famosas pinturas do mundo sobre o assunto. Outras obras famosas são O beijo (1888-89,) de Auguste Rodin<sup>15</sup>; Os amantes (1928), de René Magritte<sup>16</sup>, que mostra o beijo entre um homem e uma mulher com os rostos encobertos; e o quadro do artista carioca Rubens Gerchman<sup>17</sup>.

No cinema, o primeiro filme que mostra o carinho chama O Beijo (1896), tem apenas 26 segundos e foi dirigido por Thomas Edison. Naquele tempo, beijar era permitido apenas entre quatro paredes. Já entre pessoas do mesmo sexo, o registro em película data de 1927. O filme é *Wings* (Asas)<sup>18</sup>, o primeiro exemplar silencioso a

<sup>13</sup> Ver matéria sobre o assunto em [http://lounge.obviousmag.org/manifesto\\_da\\_artes/2014/02/a-historia-do-beijo.html](http://lounge.obviousmag.org/manifesto_da_artes/2014/02/a-historia-do-beijo.html) Acesso em 30 jun 2018

<sup>14</sup> Ver biografia em [https://www.infopedia.pt/\\$gustav-klimt](https://www.infopedia.pt/$gustav-klimt). Acesso em 30 jun 2018.

<sup>15</sup> Obra referencial do século XX, pilar da tradição universal da escultura, mesclando um produto do Romantismo com um prenúncio da Arte Moderna. Ver <https://www.historiadadasartes.com/sala-dos-professores/o-beijo-auguste-rodin/> Acesso em 02 jul 2018.

<sup>16</sup> Um dos principais artistas belgas, expoente do surrealismo. Ver <http://issocompensa.com/sem-categoria/rene-magritte-os-amantes-1928>. Acesso em 30 jun 2018.

<sup>17</sup> Pintor, desenhista, gravador e escultor, falecido em São Paulo em 2008. Ver <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2104/rubens-gerchman> e <https://www.escriitoridearte.com/artista/rubens-gerchman>. Acesso em 01 jul 2018.

<sup>18</sup> Ver <http://carlosalexlima.blogspot.com/2012/06/o-primeiro-beijo-homossexual-no-cinema.html>. Acesso em 02 jul 2018.

ganhar o *Oscar* de Melhor Filme. O beijo é bastante tímido, mas, em se tratando de 1927, é ousado por mostrar dois homens fardados se acariciando.

Entre mulheres, o primeiro foi *Mädchen in Uniform* (Meninas de Uniforme), exibido em 1931. Trata-se de filme do gênero drama com produção alemã e direção de Leontine Sagan. Este sofreu intensa censura, o que não é difícil imaginar, teve cópias destruídas pelos nazistas, mas gerou uma segunda versão, feita em 1958 numa parceria Alemanha-França, estrelada por Romy Schneider e na qual não há sequer um homem, em nenhuma cena<sup>19</sup>.

Outrossim, o popular personagem dos quadrinhos Wolverine deu um beijo apaixonado no personagem Hércules. O romance *gay* do herói aconteceu na HQ *X-Treme X-Men*, versão do universo paralelo da editora Marvel.

No cinema brasileiro, o mais famoso registro é o do filme *Beijo no Asfalto*<sup>20</sup>, trocado pelos personagens interpretados por Ney Latorraca e Tarcísio Meira. Apesar disso, o beijo não pode ser considerado homossexual porque os personagens não tem nenhuma relação anterior ao que acontece após o acidente no meio da rua que inicia a trama. Por isso, o beijo considerado o primeiro beijo *gay* do cinema brasileiro é o do filme *República dos Assassinos*<sup>21</sup>, entre os personagens dos atores Anselmo Vasconcellos<sup>22</sup> e Tônico Pereira.

Quanto ao beijo da vida real, o beijo paradigmático é o que foi trocado entre o marinheiro George Mendonsa e a enfermeira Greta Zimmer Friedman, eternizados em foto na *Times Square*, em Nova Iorque, quando registrava-se o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945. Esta imagem, que evoca um sem-número de significados, tornou-se emblemática do fim da guerra e simboliza o início de uma nova era, sendo considerada imagem histórica da humanidade.

---

<sup>19</sup>Ver matéria em <http://50anosdefilmes.com.br/2012/senhoritas-em-uniforme-madchen-in-uniform/> Acesso em 02 jul 2018.

<sup>20</sup> Adaptação da peça homônima do dramaturgo pernambucano Nelson Rodrigues, encenada pela primeira vez em 1961, com direção de Gianni Ratto. Houve duas versões para o cinema: uma em 1964 com direção de Flávio Tambellini, e outra em 1980, com direção de Bruno Barreto e roteiro de Doc Comparato. Ver <http://www.ib.com.br/cultura/noticias/2015/07/29/o-beijo-no-asfalto-de-nelson-rodrigues-estreia-no-solar-de-botafogo/> Acesso em 29 jun 2018.

<sup>21</sup> Dirigido e roteirizado por Miguel Faria Jr, o filme é do gênero drama policial, baseado no livro homônimo do escritor e dramaturgo Aguinaldo Silva.

<sup>22</sup> Sobre o assunto, ver <http://radioglobo.globo.com/media/audio/117819/o-cinema-gritou-diz-anselmo-vasconcellos-sobre-pri.htm>. Acesso em 30 jun 2018.

Cabe destacar também a célebre foto da capa da revista americana *Rolling Stone*: o beijo de John Lennon em Yoko Ono, edição de 22 de janeiro de 1981<sup>23</sup>. Fotografados por Annie Leibovitz momentos antes do assassinato do artista, em dezembro de 1980, em New York, a foto é considerada a melhor capa de revista dos últimos 40 anos. A imagem serve de bela inspiração para beijos apaixonados entre os mais diversos casais, e uma das mais conhecidas é a que ilustra a capa do décimo-segundo álbum da cantora Daniela Mercury, *Vinil Virtual*, em que a cantora aparece em foto assumidamente inspirada na do casal Lennon, ao lado da mulher, a jornalista Malu Verçosa, em 2015. E foi em 2003 que repercutiu imensamente a notícia do beijo da *pop star* Madonna em sua rival Britney Spears durante o *Video Music Awards*, fato que provocou imensa repercussão no mundo todo<sup>24</sup>.

Quanto à exibição audiovisual, o primeiro beijo na televisão brasileira foi o da atriz Vida Alves e do ator Walter Forster. A novela era *Sua vida me pertence* (TV Tupi)<sup>25</sup>. Também foi Vida quem protagonizou o primeiro beijo lésbico da telinha nacional, em 1964<sup>26</sup>: a atração era o teleteatro *A calúnia*, e aconteceu entre ela e a atriz Geórgia Gomide, em produção da mesma emissora paulista.

Olhando pelo aspecto étnico, os antecedentes apontam o primeiro beijo inter-racial da telinha o que foi exibido pela televisão americana na série clássica *Star Trek*<sup>27</sup>, em 1966, mesmo ano em que Martin Luther King foi assassinado. No Brasil, a situação demorou bem mais e os registros apontam o beijo inter-racial inaugural apenas em 1990, na minissérie *Mãe de Santo*, na TV Manchete.<sup>28</sup>

Logo, o que ainda parece ser o grande rastilho a chocar as mentes mais conservadoras, é, antes de tudo, o próprio ato da demonstração pública de carinho. E quando esse registro é feito entre pessoas do mesmo sexo, aí o susto é ainda maior.

---

<sup>23</sup> Ver matéria em <http://www.ricardoalexandre.jor.br/musica/diferencas-john-yoko-daniela-mercury-malu/> Acesso em 28 jun 2018.

<sup>24</sup> Ver matéria em <http://madonnamadworld.com.br/musica/empresario-de-britney-sperars-fala-famoso-beijo-vma>. Acesso em 01 jul 2018.

<sup>25</sup> Ver arquivo em <http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/sua-vida-me-pertence-inicia-na-tv-tupi-era-da-novela-que-vira-mania-nacional-20578121>. Acesso em 28 jun 2018.

<sup>26</sup>Ver matéria com Vida Alves em <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI232912-15220,00-VIDA+ALVES+ELA+DEU+O+VERDADEIRO+PRIMEIRO+BEIJO+GAY+DA+TV+BRASILEIRA.html> Acesso em 02 jul 2018.

<sup>27</sup> A cena uniu os atores Nichelle Nichols e William Shatner. Ver <https://revistamonet.globo.com/Series/noticia/2016/10/atriz-de-star-trek-conta-bastidores-do-primeiro-beijo-inter-racial-da-tv-americana-william-shatner-fez-questao.html>. Acesso em 26 jun 2018.

<sup>28</sup> Ver matéria em <https://diversao.r7.com/tv-e-entretenimento/e-triste-ainda-estarmos-falando-sobre-isso-diz-ator-de-beijo-gay-pioneiro-na-tv-09062017>. Acesso em 27 jun 2018.

## Quatro preconceitos na berlinda

Chegando às novelas em análise, *Babilônia* e *O outro lado do paraíso*, o que ressalta é a ousadia de seus criadores (autoria e direção). Nas duas narrativas, está no centro da polêmica a evidência de quatro preconceitos: o racial, o de classe social, o homoafetivo e o etáismo (discriminação geracional).

Visualmente mostrada com elegância e beleza por uma construção imagética sensível, a cena do beijo entre Teresa e Estela durou alguns segundos e teve repercussão negativa. Uma parcela de telespectadores da Rede Globo rejeitou a cena. A emissora já havia exibido em suas tramas outros beijos *gays* entre mulheres (todas mais jovens) e não se viu reação parecida. Podemos ainda citar, como exemplo, cena entre outro casal homossexual feminino, na telenovela *Amor e Revolução* (SBT, 2011), na qual foi exibido beijo entre as amigas Marcela (Luciana Vendramini) e Marina (Giselle Tigre).

Ainda que antes de *Babilônia*, outras novelas como *Amor à vida* (Walcy Carrasco), exibida de 20 de maio de 2013 e 31 de janeiro de 2014; *Em família* (Manoel Carlos), de 03 de fevereiro a 18 de julho de 2014; e *Império* também tivessem mostrado bem sucedidas relações entre pessoas do mesmo sexo, no caso da trama de Gilberto Braga, Ricardo Linhares e João Ximenes Braga, isso causou um quase ‘escândalo’ nas redes sociais por tratar-se de cena com amplo espectro simbólico, capaz de gerar significados novos e produzir sentidos diferentes dos evocados nas tramas anteriores.

O insólito foi provocado porque o beijo *gay* entre duas senhoras não esperou o desenvolvimento da história para se fazer presente. Logo no capítulo de estreia, a cena que chocou o país e deflagraria uma campanha contra a novela, foi exibida. Ademais, o protagonismo da cena tem uma intensidade adicional, que funciona como transcurso da comunicação, segundo a classificação proposta pelo jornalista Artur da Távola<sup>29</sup>. A potência advém do fato de as personagens serem interpretadas por dois ícones da cena artística brasileira, as atrizes Fernanda Montenegro e Nathália Timberg, ambas com uma atuação proeminente como profissionais e cidadãs, com carreira reconhecidamente notável. A propósito, vejamos o que disse o autor Ricardo Linhares após a iniciativa de boicote à obra por parte da bancada evangélica do congresso nacional:

Certamente o beijo de Fernanda e Nathália, dois ícones da nossa cultura, têm um peso político muito importante. As atrizes foram

---

<sup>29</sup> O jornalista aponta oito cursos atuantes na linguagem da telenovela, sendo o transcurso “Fenômeno de comunicação que escapa ao discurso e ao controle rígido da razão ou da ideologia, ele é um desborde do fluxo natural em função de elementos interiores poderosíssimos, inesperados, súbitas irrupções do mistério”. (TÁVOLA, 1996, p. 31).

convidadas porque agregam aos papéis a dignidade com que conduziram suas vidas e carreiras. Ambas chegaram a um patamar em que estão acima do bem e do mal. Não precisam mais provar nada a ninguém. Suas trajetórias impõem respeito e servem de respaldo para as ações das personagens (LINHARES, 2015).<sup>30</sup>

A manifestação de amor e carinho entre as personagens de Fernanda e Nathália inscreve-se então como uma nova e insólita contribuição à história da representação homoafetiva na teledramaturgia por tratar-se de uma relação entre mulheres da terceira idade, interpretadas por dois patrimônios da Cultura Brasileira.

No caso de *O outro lado do paraíso*, o interessante é perceber que a construção dramática primou por evidenciar três preconceitos numa mesma relação: o social, o racial e o sexual. E os autores foram enfáticos na intenção de botar abaixo essas construções obsoletas que ainda insistem em permanecer interrompendo o tráfego da liberdade de expressão: o personagem Cido terminou por ser afirmativamente prestigiado em sua negritude, e teve como ápice de aprovação a assertiva da sogra dizendo gostar muito dele e pedindo para ele não abandonar seu filho Samuel.

Nesse sentido, acerca da temática do racismo, vale ressaltar a asserção de Solange Martins Couceiro de Lima:

A telenovela é, pois, a narrativa que veicula representações da sociedade brasileira, nela são atualizadas crenças e valores que constituem o imaginário dessa sociedade. Ao persistir retratando o negro como subalterno, a telenovela traz, para o mundo da ficção, um aspecto da realidade da situação social da pessoa negra, mas também revela um imaginário, um universo simbólico que não modernizou as relações interétnicas na nossa sociedade (COUCEIRO DE LIMA, 2001, p. 98)

É salutar ainda sobrelevar o modo de enquadramento da cena que reuniu no mesmo ambiente – o apartamento de Adineia – os três personagens em *O outro lado do paraíso*: Cido surge na sala, onde estão mãe e filho, com uma mala, e expõe suas queixas. Fala das muitas situações discriminatórias pelas quais passou ali, lembra de tudo que fez para agradar à sogra - que sempre trabalhou contra o relacionamento deles -, diz estar cansado de não ser valorizado e que vai embora por não aguentar mais.

Samuel pede a ele que não vá, lágrimas escorrem mas Cido continua no rumo da porta, até que Samuel ajoelha-se implorando ao namorado que não vá. Diante da firmeza deste, o médico senta no chão num choro comovido e se encolhe, recolhido

---

<sup>30</sup> Ver reportagem sobre a novela com entrevista do autor Ricardo Linhares em <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/para-autor-de-babilonia-boicote-a-beijo-gay-tem-motivacao-ditatorial-7049>. Acesso em 02 jul 2018.

num canto junto à parede. Até que Adineia, que participava da sequência mas sentada numa poltrona distante numa espécie de *hall* de entrada onde os dois estavam, vai até o genro e fala: “Cido, você fica, por favor... Eu prometo mudar minha atitude, eu vou te tratar como um rei, como um imperador... Eu prometo ser uma sogra maravilhosa”, e estende a mão selando a paz.

Nesse momento, o que a imagem exhibe é um desenho cênico no qual se cruzam uma mão branca e uma negra, com um branco sentado no chão. Dois brancos, de classe média alta, suplicam a um negro para ficar e fazer parte da família. Ou seja: há uma inversão clara de papéis que evidencia uma mudança paradigmática ao se optar por destacar um branco (médico) ajoelhado diante de um negro (motorista). Destarte, há o poder sendo invertido segundo a configuração mais conhecida no imaginário social brasileiro. Essa construção imagética tem uma força latente, que opera direto na emoção do telespectador. Ademais porque Samuel/Samuca, Cido e Adineia eram personagens dos mais queridos na trama.

Apesar de o casal homossexual ter sido tratado ao longo de toda a narrativa, no mais das vezes, de forma caricata, este capítulo redime toda a moldura cômica que os envolveu ao longo da história. E para coroar o acerto verbo-visual, ainda há o final da sequência, na qual Adineia aparece sozinha na sala (enquanto os dois conversam no quarto) e declara: "Definitivamente, não existe a cura *gay*. Claro que não existe. Como pode ter cura se não tem doença ? O Cido não é doente ! Nunca. Muito menos o meu Samuelzinho. Acontece que os dois se amam. É isso".

Aqui cabem como luva as palavras do filósofo Renato Janine Ribeiro, enfatizando a grande contribuição da teledramaturgia para desequilibrar padrões comportamentais arraigados:

O machismo atacado, o racismo refutado são só duas faces de um esforço para contestar o preconceito de costumes. A lista é interminável. O fato é que, na ditadura e na democracia, a novela se concentrou em mexer nos costumes tradicionais. E pouco importa se isso foi planejado ou não: o que conta é que assim a Globo, em especial, captou o ar do tempo. Pois a novela é o gênero dramático em que o Brasil melhor se saiu. Nela não ouvimos discursos: presenciamos situações. A dramaturgia funciona mais que a palavra seca. Daí seu alcance social. Por isso é errado dizer que a TV não educa. Ela varreu preconceitos de costumes. (RIBEIRO, 2000)<sup>31</sup>

---

<sup>31</sup> Ver artigo em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/qtv050920002.htm>. Acesso em 29 jun 2018.

### Considerações finais

A telenovela brasileira deve ser examinada levando-se em conta o contexto no qual a trama está inserida. Afinal, a telenovela é um produto mercadológico, voltado para o público de massa. Tenta atingir o maior número de espectadores possível, já que o gênero não é uma produção fragmentada, direcionada a apenas uma parcela de telespectadores.

Assim, mesmo considerando que a sociedade brasileira ainda é por demais conservadora, e que o mundo vive uma espécie de guinada rumo ao atraso comportamental, acreditamos que a teleficção é capaz de modificar o entendimento sobre alguns temas. Mesmo que o espectador possa estranhar ou até rejeitar certas situações num primeiro momento, a teledramaturgia vem operando papel relevante no sentido de minar resistências e derrubar preconceitos.

Colocar temas polêmicos como o machismo, o preconceito de classe, a homofobia, e a vida afetiva na terceira idade, é salutar ousadia e busca mexer com padrões de comportamento que insistem em persistir e aviltam os direitos humanos em sua essência. A trajetória da telenovela mostra o patamar substancial que o gênero adquiriu desde os anos de 1970, quando definiu sua linha de criação como propulsora do debate social. Uma das intenções é fazer com que as narrativas possam fomentar novos olhares em relação à questão dos preconceitos e despertar para a quebra de dogmas comportamentais, tão nocivos para o respeito à alteridade e ao próprio processo de autoaceitação<sup>32</sup> e do reconhecimento como homossexual.

Nesse sentido, a telenovela brasileira atingiu um patamar que a faz dialogar com países do mundo inteiro – conforme atestam as vendas dos títulos para o exterior e a concessão de diversos prêmios notáveis para as obras -, ainda que estes tenham, muitas vezes, perfis sócio-culturais bem diferentes do nosso.

### Referências

ALENCAR, Mauro. **A Hollywood brasileira: panorama da telenovela no Brasil**. Rio de Janeiro: SENAC, 2002.

COUCEIRO DE LIMA, Solange. A personagem negra na telenovela brasileira: alguns momentos. **Revista USP**, São Paulo, n.48, p. 88-99, dezembro/fevereiro 2000-2001 in <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/32894/35464>.

---

<sup>32</sup> Definimos a autoaceitação como a ação ou o resultado de aceitar a própria forma de ser, a própria personalidade, os defeitos e qualidades. Somente uma pessoa que aceita a si mesmo é capaz de aceitar o outro como ele é.

FERNANDES, Guilherme Moreira. **A representação das identidades homossexuais nas telenovelas da Rede Globo**: uma leitura dos personagens protagonistas no período da censura militar à televisão. 2012. 362 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM-UFJF), Juiz de Fora, 2012.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.  
\_\_\_\_\_, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Coletivo Sabotagem, 2004.

GOMIDE, Silvia del Valle. **Representações das identidades lésbicas em Senhora do Destino**. 2006. 210f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

GUERRA, Márcio de Oliveira; VARDIERO, Talison. Seria a personagem Atena de A Regra do Jogo uma femme fatale? In: XIII Encontro Regional De Comunicação – DT Rádio, TV e internet, Juiz de Fora - MG. **Anais...** Juiz de Fora, 2015.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Telenovela como recurso comunicativo**. Ano 3- Nº1, 2009.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. **Da esfera cultural à esfera política**: a representação de grupos de sexualidade estigmatizada nas telenovelas e a luta por reconhecimento. 2003. 197f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós- graduação em Comunicação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

PERET, Luiz Eduardo Neves. **Do armário à tela global**: a representação social da homossexualidade na telenovela brasileira. 2005. 246f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

TÁVOLA, Artur da. **A Telenovela Brasileira** – história, análise e conteúdo. Rio de Janeiro: editora Globo, 1996.

TONON, Joseana Burguez. **Recepção de telenovelas**: identidade e representação da homossexualidade. Um estudo de caso da telenovela “Mulheres Apaixonadas”. 2005. 179f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Comunicação Midiática) – Programa de Pós- graduação em Comunicação Midiática, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2005.